

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFAL: Uma Trilha sobre sua Memória Histórica

Almiraci Dantas dos Santos

Graduada em Biblioteconomia
Universidade Federal de Alagoas
dantasmirabibliotecaria@gmail.com

Maria de Lourdes Lima

Doutora em Ciência da Informação
Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal de Alagoas
loulima09@gmail.com

Relato de Experiência

Resumo

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas, criado em 1998, se apresenta como uma alternativa para a formação de profissionais em Biblioteconomia para atuar na organização e disseminação da informação no âmbito da sociedade e de unidades de informação em Alagoas. Por ocasião dos 50 anos da UFAL, em 2011, o ICHCA instigou a necessidade do curso de Biblioteconomia de construir uma história da sua trajetória institucional. Logo, o curso de Biblioteconomia procurou, a partir de um projeto de pesquisa, construir uma trilha da sua memória institucional, pois a memória possibilita a formação e construção histórica, assim como também é uma extensão da informação e do conhecimento registrados. Em síntese, para a construção dessa memória foi realizada uma investigação por meio de fontes primárias e secundárias, tais como os documentos oficiais e extraoficiais (depoimentos de ex-coordenadores e coordenador, ofícios, projetos político-pedagógicos, portarias, resoluções, entre outros). Portanto, o resgate dessa memória institucional se inscreve na tentativa de se pensar a história da UFAL como a soma das histórias e/ou das memórias das suas respectivas unidades acadêmicas.

Palavras-chave

Curso de Biblioteconomia – UFAL. Memória Institucional – Curso de Biblioteconomia – UFAL. História institucional. Produção de Registros de Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A criação do curso de Biblioteconomia em 1998 pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) se concretizou a partir da iniciativa de um grupo de bibliotecárias vinculadas à UFAL, e de outros profissionais da área de informação, fora do circuito da própria UFAL. Culminando com as celebrações dos 50 ANOS da UFAL em 2011, o Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) propôs construir uma narrativa historiográfica acerca das memórias, com a finalidade de conferir visibilidade acadêmica ao referido

ICHCA, por consequência, à própria UFAL. Logo, o curso de Biblioteconomia procurou a partir de um projeto de pesquisa construir uma narrativa da sua memória institucional. Onde passou a considerar a memória a representação de uma narrativa e de práticas sociais, bem como uma extensão da informação e do conhecimento dispostos em fontes documentais oficiais e extraoficiais a exemplo de documentos arquivísticos e de depoimentos do atual coordenador e de ex-coordenadores do curso.

Essa pesquisa teve como objetivo a organização e o registro da memória

institucional do Curso de Biblioteconomia através de fontes que informam o seu reconhecimento pelo MEC, de projetos político-pedagógicos implantados durante a sua trajetória, além de eventos que fizeram parte do calendário e de atividades acadêmicas, constituindo uma memória institucional e cultural daquela unidade de ensino.

O recorte conceitual responsável pela fundamentação desse relato abarca quatro categorias terminológicas: *Memória*, *História*, *Memória Institucional* e *Registros do Conhecimento*. Por *Memória* consideramos um conjunto de propriedades físico-químicas e psíquicas capazes de realizar a síntese entre natureza e cultura. Logo, a *Memória* também se define como um *trabalho social*, na perspectiva de Eclea Bosi (1987), na sua interpretação sobre as *Lembranças de Velhos*. Nesse sentido, a *Memória*, como processo, tem uma múltipla capacidade de intervir em universos políticos, sociais, culturais e institucionais. Ela, por sua vez, se articula às noções de *História* que atuam, respectivamente, como processo e/ou *dever*, e como narrativa escrita. Portanto, a *Memória Institucional* passa a ser uma espécie de amálgama que combina, simultaneamente, *Memória* e *História* a partir de um dado contexto que definimos como institucional, isto é, o campo da institucionalização de práticas oriundas de instituições de ensino universitário na esfera pública. Enquanto que os *Registros de Conhecimento* passam a ser representações (i)materiais produzidas e disponibilizadas em meio analógico ou virtual com a propriedade de (in)formar acerca de fatos passados.

Na medida em que estamos fazendo uso da nomenclatura, o *Relato de Experiência* passa a ser um tipo particular de escrita que nasce de uma experiência de pesquisa onde estão contidos os principais eixos que formam a estrutura geral do processo de investigação de um dado trabalho acadêmico. A partir de uma abordagem retrospectiva com vistas à produção de Registros do Conhecimento nas áreas de Ciência da Informação e, particularmente, da Biblioteconomia.

2 ESTRATÉGIAS PARA A PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS

O registro da memória histórica institucional do Curso de Biblioteconomia através dessa pesquisa se utilizou do método de pesquisa qualitativa e para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos a entrevista e o questionário aplicado via endereço eletrônico.

O levantamento de dados para a construção da memória histórica do Curso de Biblioteconomia consistiu de um mapeamento das fontes primárias e secundárias existentes relativas às ações administrativas do próprio curso de Biblioteconomia. Assim como de um levantamento e fichamento de fontes bibliográficas e de anotações que abordassem formas de prestações da *Memória*, *História*, *Memória Institucional* e *Registros do Conhecimento*, com vista à análise e interpretação de dados objetivando a produção de registros do conhecimento acerca da memória institucional e histórica do curso de Biblioteconomia da UFAL. De início, as fontes primárias utilizadas foram ofícios, relatórios, projetos político-pedagógicos, resoluções, portarias, Diário Oficial, depoimentos, entrevistas e questionário; enquanto que as fontes secundárias utilizadas foram compulsadas a partir de uma revisão de literatura referente à memória, à biblioteconomia no Brasil e à memória institucional, por meio de fontes bibliográficas impressas, digitais e em bases de dados disponibilizadas em repositórios institucionais.

3 AS TRILHAS DA MEMÓRIA

A memória humana é um dispositivo biológico e cognitivo capaz de servir de suporte e registro de parte das vivências acumuladas e reelaboradas por sujeitos históricos. O ser humano as armazena como um meio de preservação de suas lembranças, na maioria das vezes, são guardadas de modo (in)voluntário. Lembrar-se de fatos ocorridos no passado nos faz (re)agir em relação ao presente e ao futuro.

A memória oral serviu de base para que a memória escrita se desenvolvesse, assim a

memória oral se perenizou juntamente com a escrita e ganhou permanência no *continuum* do tempo. Segundo Le Goff (apud OLIVEIRA, 2007), na Idade Média, a memória estava vinculada à religião. Nesses tempos, a escrita desenvolveu-se a par da oralidade. Havendo, então, um equilíbrio entre memória oral e memória escrita, intensificando-se o recurso da ESCRITA como prática e suporte da MEMÓRIA.

A memória é definida por Bosi (1987 apud ROSEMBERG E CORRÊA 1997, p.10) como “[...] o centro vivo da tradição, é o pressuposto da cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da história. Para Platão, a memória é ativa. Aprender e lembrar, lembrar e aprender”. Quando Bosi se refere à memória como um centro vivo, um pressuposto da cultura, ao mesmo tempo em que Platão diz que a memória é ativa, eles evidenciam que a memória é viva e acompanha o sujeito, auxiliando-o na aprendizagem e nas formas de preservação e conservação da cultura de cada povo. Logo, a memória se reinventa continuamente pela tradição.

Durante a idade média, a memória oral e a escrita estiveram presentes na vida dos homens, independente do seu lugar social. A memória foi um dos elementos constitutivos do intelecto medieval, seja por meio das novelas e das canções de gestas, ou pela memorização dos textos sagrados ou teóricos que os escolares medievais precisavam reter para construir seus saberes. (OLIVEIRA, 2007, p. 126).

Como retrata Oliveira (2007), tanto a memória oral quanto a escrita na Idade Média estiveram juntas contribuindo para a formação do intelecto medieval. Não perdendo de vista que cada época reinventa a sua memória oral que, por sua vez, passa a ser reapropriada, ou não, pela memória escrita que ora dá ênfase ao profano e ora destaca o sagrado, tanto se apropria do espaço público como se imiscui de traços ligados à sua privacidade.

A partir da leitura sobre a memória em Barreto (2009), conclui-se que memória é constitutiva de uma função social e que tem elos diretos com a informação e o conhecimento; além dessa relação que faz

mover a vida em sociedade, a memória também está intrinsecamente ligada aos desejos e às interdições.

A memória interliga-se à informação e ao conhecimento, ao afeto e ao sentimento, ao individual e ao coletivo. A memória tem função social e comunicativa, decifrando o que somos hoje e o que já não somos mais. O sentido da memória se estende para além da conservação de informações, aponta para certo dinamismo, exigência própria, por meio da sua relação com o passado. Memória não deve ser vista como hábito de repetir imagens, mas como fenômeno inconsciente que se torna útil à necessidade presente, que assegura a reprodução e a transformação dos comportamentos em sociedade, fundando-se no comportamento narrativo, próprio da espécie humana e caracterizando-se como função social, de origem comunicativa (BARRETO, 2009, p. 26- 27).

Barreto (2009, p. 27) infere que “a memória tem a ver com identidade, com pertença, com o fluir da vida social”. Enfatiza que a memória é mais “um processo dinâmico e interativo, que se desenrola no cotidiano do homem social, por meio do processo comunicacional [...]”. Por fim, conclui que “memória é o resultado dos entrelaçamentos das experiências de um tempo vivido [...]”. Portanto, a memória na visão de Barreto cobre um campo de representações onde a identidade situa este ser social em relação a si mesmo e ao universo de vivências compartilhadas a partir da comunicação e da fruição da vida em sociedade.

Um dos pesquisadores a estudar a categoria memória, nos anos de 1920, Maurice Halbwachs, observa a memória como uma construção coletiva, portanto social. “São indivíduos que lembram no sentido literal, físico, mas são grupos que determinam o que é memorável e também como será lembrado”. (HALBWACHS, 2003 apud MENDONÇA, 2007). Ou seja, explica Mendonça (2007), o depoimento da testemunha só tem sentido em relação a um grupo do qual ela faz parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora comum.

Maurice Habwachs (2006) conceitua que a memória não é obtida e lembrada

quando nos colocamos em pensamento para um passado longínquo, mas, sim, a memória, como a porta de uma imagem da atualidade que serve para transportar as lembranças e fazer seus entrelaçamentos, costura da vida passada com o presente para, assim, se constituir uma vida futura mais consolidada e amadurecida.

4 UMA HISTÓRIA DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Segundo Caldin (1999), o primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil foi criado através do Decreto nº 8.835, de 11/07/1911, com base no art. 3º, n. I, da Lei n. 2.356, de 31/12/1910¹, mas somente iniciou suas atividades em de abril de 1915, quando foi instalado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. À época o diretor era Manuel Cícero Peregrino Silva. O modelo do programa acadêmico utilizado pelo curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional foi inspirado no modelo francês da École de Chartes, com ênfase no aspecto cultural e informativo. O programa tinha uma perspectiva humanista.

Já, em 1929, foi criado, no Mackenzie College, hoje, Universidade Mackenzie de São Paulo, o curso de Biblioteconomia, não inspirado no modelo francês, mas no modelo norte-americano, onde eram enfatizados os aspectos técnicos e pragmáticos da formação profissional. Logo, a implantação do curso de Biblioteconomia no Brasil sofreu influência tanto europeia quanto norte-americana, de início a europeia, posteriormente a estadunidense, assim a biblioteconomia brasileira se utilizou de heranças humanistas e pragmáticas.

[...] as influências europeias trazidas ao Brasil pelo curso de formação de profissionais da Biblioteca Nacional em 1911, momento em que houve grande afinidade com os propósitos do IIB – Instituto Internacional de Bibliografia (sic), logo foi suplantado pela abordagem pragmática de origem estadunidense dos cursos paulistas desde os anos de 1930 [...]. Somente a partir dos anos de 1950 e 1960 foi que insumos europeus retornaram ao país por meio da absorção de algumas técnicas e instrumentos da Documentação – como a CDU – Classificação Decimal Universal e o Catálogo Sistemático, nos currículos e nas práticas profissionais provavelmente influenciados pelos cursos de especialização de Documentação Científicas promovidos pelo IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (sic). (CASTRO, 2000 et al. apud ORTEGA, 2009, p.74).

Ainda de acordo com Castro (2000), a Biblioteconomia brasileira compreende várias dimensões educativas, a profissional técnica, como nos métodos de influência de ensino humanista, de origem francesa, ou como no ensino pragmático de procedência norte-americana. A perspectiva profissional engloba desde a formação até os estudos de mercado de trabalho; já o ensino pragmático estuda as formas de controle, processamento e armazenamento da informação, assim como o uso de novas tecnologias e linguagens documentárias, enquanto que a metodologia de ensino humanista evidencia o currículo e a inserção política, social, cultural e educacional do bibliotecário, no âmbito da sua atuação profissional.

Castro (2000) divide a história do ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil em cinco fases, a saber:

¹ <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126767/lei-2356-10>

TABELA 1 – FASES DO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL²

<p>FASE I 1879-1928</p>	<p>Movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil de influência humanista francesa, sob a liderança da Biblioteca Nacional</p>
	<p>1879</p> <p>Realização do primeiro concurso para bibliotecário durante a gestão de Ramiz Galvão³</p>
	<p>1911</p> <p>Criação na Biblioteca Nacional do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, durante a gestão de Manoel Cícero Peregrino da Silva</p>
	<p>1915</p> <p>Início das atividades do Curso da Biblioteca Nacional</p>
	<p>1923</p> <p>Paralisação do curso da BN, quando é estabelecido, no Museu Histórico Nacional, o curso Técnico (sic) com a finalidade de formar bibliotecários, paleógrafos, arquivistas e arqueólogos.</p>
	<p>FASE II 1929-1939</p>
<p>1929</p> <p>Criação do curso do Instituto Mackenzie, marca o início da influência tecnicista norte-americana</p>	
<p>1931</p> <p>Retomada do curso da Biblioteca Nacional</p>	
<p>1935</p> <p>Encerramento do curso do Mackenzie</p>	
<p>1936</p> <p>Criação do curso do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, por Rubens Borba de Moraes</p>	
<p>1939</p> <p>Fechamento do curso do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo</p>	
<p>Consolidação e expansão do modelo pragmático norte-americano</p>	
<p>FASE III 1940-1961</p>	<p>1940</p> <p>Transferência do Curso da Prefeitura Municipal de São Paulo para a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP)</p>
	<p>1942</p> <p>Início da expansão do campo do ensino pelo país, quando foram criados cursos na Bahia (1942), Escola de Filosofia Sedes Sapientae (SP) (1944), Pontifícia</p>

² Tabela 1 construída com base no modelo cronológico e temático fornecido por Castro (2000).

³ Diretor da Biblioteca Nacional na época.

	Universidade Católica de Campinas (1945), Porto Alegre (1947), Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal de Recife (1947) e na Escola Nossa Senhora do Sion (SP) (1948).
	1944 Reforma do curso da BN durante a gestão de Rodolfo Garcia (1933-1945)
	1954 Criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD
	1958 Definição da Biblioteconomia como profissão liberal e de nível superior
	1961 Criação da Federação Brasileira de Bibliotecários – FEBAB
FASE IV 1962-1969	Uniformização dos conteúdos pedagógicos e regulamentação da profissão
	1962 Promulgação da Lei 4084; aprovação do 1º currículo mínimo de Biblioteconomia
	1963 Primeiro código de ética de Bibliotecário
	1965 Criação do Conselho Federal de Biblioteconomia
FASE V 1970-1995	Paralisação do crescimento quantitativo das escolas de graduação e crescimento quantitativo dos cursos de pós-graduação; busca da maturidade teórica da área e a partir de novas abordagens tomadas de empréstimo e outros campos de saber

Castro (2000) relata que o ano de 1984 foi o ano de aprovação do último currículo mínimo dos cursos de Biblioteconomia, e que, passando mais de dez anos, a sociedade mudou, o avanço tecnológico e científico alcançou níveis até então inexistentes e os conteúdos foram pouco alterados. As alterações que se fizeram ocorreram mais nas disciplinas técnicas, a partir da incorporação do computador, do que nas disciplinas teóricas, as quais objetivam a formação cultural e humanista do bibliotecário. Em estudo desenvolvido por Souza (1987 apud CASTRO 2000), que trata das tendências da Biblioteconomia, fica comprovado que a área progrediu muito na prática e menos na teoria.

Com o passar dos anos foram surgindo outros cursos, mas não havia uma norma que orientasse a grade curricular a ser cumprida, assim como também o tempo de duração dos

cursos. Somente a partir de 1959, quando foi criada a FEBAB – Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, é que se consegue um padrão para os cursos por meio da Resolução de 16 de novembro de 1962, do Conselho Federal de Educação, onde foram fixados o currículo mínimo e o tempo de duração dos cursos de Biblioteconomia no Brasil.

Segundo Caldin (1999), existem no Brasil cerca de 30 cursos de Biblioteconomia. Já em 2013, segundo a CFB/CRB 15ª Região havia 39 cursos de Biblioteconomia, muitos deles fazendo parte da área de Ciência da Informação entre instituições públicas e particulares, havendo um acréscimo de nove cursos distribuídos por Região no Brasil, a partir da tabela a seguir:

TABELA 2 – Cursos de Biblioteconomia Existentes por Região

Quantidade de Cursos			
Regiões	Esfera Pública Federal/ Estadual	Esfera Privada	Total
Norte	02	0	02
Nordeste	08	0	08
Centro-Oeste	03	02	05
Sudeste	07	10	17
Sul	06	01	07
Total	26	13	39

Fonte: <http://www.crb15.org.br>

No entanto, a partir de pesquisas eletrônicas nossas realizadas em 2013, a quantidade de cursos sobe para 41, ou seja, dois cursos a mais referentes ao Estado de Sergipe, a saber: a *Universidade Tiradentes* (UNIT) e a *Universidade Federal de Sergipe* (UFS). Trata-se de cursos de Biblioteconomia e Documentação não identificados nas fontes anteriores.

5 IMPLANTAÇÃO E RECONHECIMENTO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA NA UFAL

A partir dos anos de 1980, com a construção do novo prédio da Biblioteca Central e a emergência de Programas de Pós-Graduação, a UFAL sentiu a necessidade da criação de um curso de formação na área de Biblioteconomia. Portanto, as novas instalações passaram a exigir novos serviços bibliotecários e a inserção de profissionais bibliotecários, até então, era atendida pela presença de profissionais com formação em outros estados brasileiros.

A Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia propõe à Universidade Federal de Alagoas a criação do curso, considerando a forma mais concreta e eficaz de contribuir para a superação da carência existente em Alagoas, ao tempo em que concorria para a formação e profissionalização bibliotecária no estado.

O passo seguinte foi da Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD, da Universidade Federal de Alagoas, através da Portaria n°

05/96-PROGRAD, que constituiu a Comissão Técnica formada pelos Professores Ana Lúcia Tenório Ribeiro Ferreira, Fernando Antonio Netto Lôbo e pela bibliotecária Sueli Maria Goulart Silva, com atribuição de relatar a demanda social existente para a criação de um curso de Biblioteconomia no Estado de Alagoas. O Projeto de Implantação do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFAL – turno noturno – foi aprovado pela Resolução n° 20/98-CEPE, de 11 de maio de 1998. Logo, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE da UFAL, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, deliberou com base no Processo n° 6469/96-91/624/98-19 e na sessão de 11 de maio de 1998⁴.

A redação do projeto contou com a participação das bibliotecárias da Biblioteca Central da UFAL, Sueli Maria Goulart Silva e Sílvia Regina Cardeal; da Associação dos Bibliotecários de Alagoas; dos professores e profissionais da área de informação, participantes do Curso de Especialização em Administração e Gerência de Serviços de Informação, realizado pela UFAL em 1997 com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; além de contar com as sugestões do Professor Dr. Antonio Miranda da UnB, Dra. Maria Carmem Romcy de Carvalho – IBICT, Professora Lena Vânia Ribeiro Pinheiro – IBICT/UFRJ e da Professora Dra. Maria das Graças Targino – UFPI.

Com base no depoimento da Professora Dr^a Virgínia Bárbara de Aguiar

⁴ Resolução n° 20/98 – CEPE, de 11 de maio de 1998.

Alves, em 2003, o curso de Biblioteconomia somava quatro anos de criação e havia formado sua primeira turma. Nessa época o curso contava com dois professores efetivos, mas seu corpo docente era constituído, na sua maioria, por professores substitutos. Assim, para ministrar a totalidade das disciplinas da grade curricular dependia-se de professores efetivos e professores substitutos e professores dos Cursos de História, Filosofia, Ciência da Computação e Letras da UFAL. E ainda contava com dois funcionários para auxiliar as atividades administrativas. A Professora Dr^a Virgínia afirma que nesse período eram poucos os concursos para professores efetivos e o número de vagas oferecidas era reduzido, além da falta de candidatos.

No ano de 2004, o Curso de Biblioteconomia, coordenado pela Professora Dr^a Virgínia B. de Aguiar Alves, recebeu a Comissão de Avaliação do Ministério da Educação (MEC), para o reconhecimento do curso. A avaliação considerou, além do Projeto Político Pedagógico, o quadro de professores, à época, quatro professores efetivos, além de professores substitutos e professores oriundos de outros cursos afins da UFAL. A isso podemos somar as instalações físicas do Curso acrescidas de dois laboratórios, um de Análise Documentária e outro de Informática.

É preciso considerar também as participações imprescindíveis, nos cinco primeiros anos de implantação do Curso, não só da bibliotecária e Professora Silvia Regina Cardeal, mas de professores do Curso de Comunicação Social da UFAL, a exemplo do Prof. Dr. Pedro Nunes Filho, em 2000, e do Professor José Edson Falcão Maia. Outra participação fundamental foi da Professora Ma. Aparecida Oliveira do curso de Filosofia, na época diretora do extinto Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte (CHLA), responsável por impedir a extinção do Curso. A tudo isso, soma-se a contribuição inestimável da Biblioteca Central ao ceder parte de seu espaço físico para as instalações do Curso, objetivando a profissionalização desses discentes; bem como fornecendo parte de seus profissionais bibliotecários para exercer o papel de professores do próprio

Curso. Graças a este conjunto, o Curso foi reconhecido pelo MEC.

Finalmente, o processo de RECONHECIMENTO DO CURSO deu-se, formalmente, através da Portaria n^o 828, de 11 de março de 2005, porém os esforços haviam sido tecidos gradativamente pela participação daqueles que responderam pela sua criação e permanência. De acordo com a publicação no Diário Oficial da União⁵, o Ministério de Estado da Educação – usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto n^o 3.908, de 4 de setembro de 2001, e tendo em vista o Despacho n^o 404/2005, da Secretaria de Educação Superior, conforme consta do Processo n^o 23000.005248/2004-02, Registro no sistema SAPIEnS n^o 20041002160, do Ministério da Educação – resolve reconhecer, pelo prazo de cinco anos, o curso de Biblioteconomia, bacharelado, ministrado pela Universidade Federal de Alagoas, na cidade de Maceió, Estado de Alagoas, mantida pela União.

Nessa época era uma prática do MEC apenas reconhecer os cursos de graduação depois de os mesmos formarem a terceira turma consecutiva e, assim, sendo comprovada a real necessidade de profissionais na região onde se encontrava localizada a instituição formadora. No caso, o Curso de Biblioteconomia, no entanto, foi reconhecido antes de ter formado a sua terceira turma.

6 ESTRUTURA, FUNCIONAMENTO E MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO CURSO

O Curso de Biblioteconomia faz parte do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), está estruturado em quatro anos letivos de duração mínima, sendo a máxima de sete anos. O mesmo curso forma bacharel em Biblioteconomia, com a titulação de Bibliotecário, conforme a Lei n^o 4.084, de 30 de junho de 1962, regulamentada pelo Decreto n^o 56.725, de 16 de agosto de 1965, e recomendações do Departamento de Políticas

⁵ Diário Oficial da União – seção 1, n^o 49, segunda-feira, 14 de março de 2005. Pág. 06.

do Ensino Superior referentes às novas diretrizes curriculares.

A carga horária está distribuída entre a parte fixa, que corresponde a disciplinas obrigatórias e estágio supervisionado, e a parte flexível, com disciplinas eletivas e atividades extracurriculares. O estágio é dividido em duas fases: o primeiro estágio deve ser cumprido dentro da Biblioteca Central da UFAL; já o segundo estágio deve ser cumprido em qualquer instituição pública ou privada. Desde que possua um profissional bibliotecário para supervisionar.

A partir da sua criação em 1998, até o período de 2013, o Curso de Biblioteconomia contou com a sucessão de 10 coordenadores, entre eles: a Professora Marlene de Oliveira, 1998 (criação); o Professor. Dr. Pedro Nunes Filho, 2000; a bibliotecária Sílvia Regina Cardeal e o Professor José Edson Falcão Maia, 2002; Professora Ma. Virgínia Bárbara de Aguiar Alves, 2003; Professora Ma. Francisca Rosaline Leite Mota, 2006; a Professora Ma. Lívia Aparecida Ferreira Lenzi e Professora Ma. Adriana Lourenço, 2009; Professor Me. Marcos Aurélio Gomes, 2010 e, por último, o Professor Dr. Edivanio Duarte de Souza, a partir de 2013.

A primeira coordenadora do curso, Professora Marlene de Oliveira, colaborou para a criação do curso de Biblioteconomia, sendo também a primeira professora do quadro efetivo do curso de Biblioteconomia; o segundo coordenador, Professor Dr. Pedro Nunes Filho, foi responsável pela reformulação do Projeto Pedagógico, assim como pela concepção e disponibilização do *site* do curso, cuja justificativa era atender às exigências da sociedade da informação. Tal mudança no Projeto Pedagógico concorreu para a alteração da denominação do Curso, deixando de ser Biblioteconomia, para ser Ciência da Informação, com habilitação em Biblioteconomia. Mas, no ano de 2006, a nomenclatura do Curso sofre outra mudança e volta à antiga denominação de Curso de Biblioteconomia. A terceira coordenação ficou sob a responsabilidade da Professora Sílvia Regina Cardeal e, após seis meses de coordenação, o Professor José Edson Falcão Maia assumiu e deu continuidade ao processo

pedagógico, tornando-se o quarto coordenador.

A quinta coordenadora foi a Professora Ma. Virgínia Bárbara de Aguiar Alves, eleita e empossada no cargo através da Portaria n. 1210. Durante sua coordenação desenvolveu as seguintes ações⁶: 1. “Semana dos Feras”; VII Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia e Documentação – EREBD, com o tema: “O profissional da Informação em busca da identidade”, que ocorreu no ano de 2004, sob a coordenação da Presidente do Centro Acadêmico do Curso de Biblioteconomia da UFAL; 2. *Coordenação do Projeto Atividade de Aprendizagem Extracurricular* – promoção de oficinas, palestras, encontros e seminários –, e, em 2006, o projeto foi apresentado no XIV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU); 3. *Congressos Acadêmicos*; 4. *Eventos estudantis*; 5. *Semana de TCC* – com a apresentação dos trabalhos, e os selecionados foram publicados na Revista *Biblionline* do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB; 6. *Criação do grupo de pesquisa Informação & Conhecimento*, registrado no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Conforme depoimento da Professora Virgínia Bárbara de Aguiar Alves, coordenadora do Curso no período 2003-2006, este graduou, em 2002, a sua primeira turma, composta por 14 formandos, e todos apresentaram trabalhos de Conclusão de Curso. Em 2003, gradua a segunda turma, composta por 21 formandos, e apenas 14 apresentam os Trabalhos de Conclusão de Curso. Em 2004 forma a terceira turma, composta de 20 alunos, e 12 apresentam trabalhos de Conclusão de Curso. A partir daí, surge a ideia de organizar os Trabalhos de Conclusão de Curso, da primeira turma até a terceira, em forma de catálogo, com a finalidade de reconhecer, registrar e disseminar o esforço de alunos e professores na construção da pesquisa e da produção de conhecimento, em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

⁶ A partir do Depoimento da Professora Dr^a Virgínia Bárbara de Aguiar Alves.

No ano de 2006, foi concluída a gestão da Professora Virgínia Bárbara de Aguiar Alves. O curso contava com um quadro de seis professores efetivos; foi organizado o Catálogo de Trabalhos de Conclusão de Curso – Biblioteconomia 2002-2004⁷ e publicado durante a III Bienal Nacional do Livro de Alagoas, com o selo da Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL).

A partir do ano de 2006, o Curso de Biblioteconomia ficou sob a responsabilidade do sexto Coordenador, o Prof. Me. Edivânio Duarte de Souza e da Prof^a Ma. Francisca Rosaline Leite Mota (Vice-Coordenadora). Com a renúncia do Prof. Edivânio da coordenação, nos primeiros meses de gestão, ficou no cargo a Prof^a Ma. Francisca Rosaline Leite Mota. Durante essa gestão foram desenvolvidas as seguintes ações⁸:

1. *Recursos Humanos* – Aumento no quadro de bolsistas de três para cinco, do número de docentes efetivos de seis para nove e o de substitutos de um para três, e a bolsa de monitoria antes destinada à disciplina de Introdução à informática passou para a disciplina Representação Descritiva; 2. *Laboratório de Técnicas Documentárias* – foram disponibilizados por meio de parceria/cooperação com a Biblioteca Central os seguintes instrumentos: CDD e AACR2 atualizados; 3. *Veículos de Disseminação de Informações Relacionadas ao Curso* – Criação do INFORME BIBLIO UFAL, Criação de lista de e-mails, Reformulação do site, Divulgação dos resumos dos Trabalhos de Conclusão de Curso –TCCs na Revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia; 4. *Pesquisa e Extensão* – mais um grupo de pesquisa foi criado, passando de um para dois grupos, fomentou-se a participação de docentes e discentes em jornadas, encontros, simpósios, congressos, entre outros, realizaram-se a comemoração dos 9 e 10 anos do Curso de Biblioteconomia, com a participação do Prof. Dr. Emir Suaiden, a Semana de Biblioteconomia, o XXXI ENEBD, e o Documentário BIBLIQUÊ?;

A então coordenadora, Prof^a Ma. Francisca Rosaline Leite Mota, contribui ao escrever que a missão de coordenar um curso é paradoxalmente árdua e prazerosa. Necessita empenho, muita dedicação e a colaboração de todos os envolvidos com a busca do sucesso do curso, ou seja, docentes, discentes, bolsistas, técnicos e todas as instâncias administrativas da universidade, aos quais apresentamos nossos sinceros agradecimentos.

Entre agosto de 2008 e abril de 2009, a coordenação esteve sob a responsabilidade da Professora Ma. Livia Aparecida Ferreira Lenzi (a sétima), que implantou as seguintes ações: 1. *A contratação de Docente e Técnico Administrativo* – o curso recebeu, para compor o quadro de docentes, a Professora Dalgiza Andrade, aprovada no concurso da UFAL em 2008, na área de Tecnologia da Informação, e para o quadro de técnico o curso recebeu dois funcionários, Isaac e Luciana; 2. *Revitalização do site, do laboratório de informática do Curso e organização dos arquivos*; 3. *Consolidação e implantação de grupos de pesquisa* – Com a nomeação do Professor Carlos Cândido Almeida para coordenação de pesquisa, a quantidade de grupos de pesquisa aumenta para três, com a criação do grupo de pesquisa “Inteligência e Conhecimento: Cognição, Organização e Estratégias de Informação, o qual contou com a participação dos docentes Maria de Lourdes Lima, Livia Aparecida Ferreira Lenzi e Carlos Cândido de Almeida, além das discentes Almiraci Dantas dos Santos, Elaine Maria Ferreira Machado, Alini Lollrani Silva Lima e Tamires dos Santos Pires, conforme especificado na Plataforma Lattes: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0331607NU4GPW6>>; 4. *Elaboração do projeto de construção de um prédio para o curso de Biblioteconomia*; 5. *Inserção de reuniões pedagógicas de planejamento*; 6. *Elaboração de resolução que define e normatiza a saída dos professores para cursos de doutorado e pós-doutorado*; 7. *Avaliação e reestruturação do projeto político-pedagógico*; 8. *Inscrição do curso de Biblioteconomia para participar da avaliação pelo ENADE*; 9. *Doutorado Interinstitucional – DINTER*, para o qual foi firmado parceria com o IBICT; 10. *Foi legalizada a coordenação*, ou seja, para legalizar as ações da coordenação do Curso, criou-se uma

⁷<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/catalogotcc2002-2004.pdf>

⁸ De acordo com o depoimento da Professora Dr^a Francisca Rosaline Leite Mota

portaria especificando a escolha do coordenador por eleição e com gestão de 2 anos.

Na sequência, a coordenação do Curso de Biblioteconomia esteve a cargo, respectivamente, da Profa. Ma. Adriana Lourenço (oitava) e do Prof. Me. Marcos Aurélio Gomes (Vice-Coordenador). Em setembro de 2010, em razão da licença maternidade da Profa. Adriana Lourenço, o Prof. Me. Marcos Aurélio Gomes (nono) assumiu a coordenação do Curso, de setembro de 2010 a abril de 2011. A sua gestão foi pautada pelas seguintes ações⁹:

1. *Recursos Humanos* – realizou-se concurso para professor substituto e professor efetivo para a área de “organização, processamento e tratamento da informação”; 2. *Espaço físico* – Apesar de várias tentativas frustradas para a criação de novas instalações para acomodar o Curso de Biblioteconomia, entre Coordenação de Curso/Colegiado e Reitoria/Sinfra, a partir de então, formulou-se novo projeto para a construção do prédio, aprovado em reunião de colegiado, localizado por trás da Biblioteca Central da UFAL e em frente à Escola de Enfermagem e Farmácia – ESENFAR; 3. *Ações Administrativas* – Participação em reuniões e eventos (Fórum dos Colegiados, Conselho da Unidade, Colegiado do Curso, Dia do Bibliotecário, Recepção dos Feras, Congresso Acadêmico), e ocorreram discussões para a formalização de um Programa de Doutorado Interinstitucional – DINTER entre UFAL, UFPE e PPGCI/ECA/USP em 2011 e a participação de docentes e discentes durante os trabalhos do XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBD).

A gestão atual encontra-se sob a responsabilidade do Professor Dr. Edivânio Duarte de Souza, eleito para os biênios de 2011/2013 e 2013/2015, sendo então o décimo coordenador do Curso. Sua gestão foi pontuada através das ações: 1. *Política de incentivo à qualificação dos docentes para obterem a titulação de Doutor*; 2. *Construção do prédio de Biblioteconomia*, desde a conclusão do projeto arquitetônico ao processo de acabamento, que

corresponde ao atual estágio em que se encontra. 3. *Participação e realização dos eventos* – XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBD), no período de 7 a 10 de agosto de 2011, Jornada Acadêmica de Biblioteconomia, no período de 11 a 15 de março de 2013, que se apresentou como uma prévia ao I Congresso Acadêmico Integrado de Inovação e Tecnologia (I ALAGOAS CAIITE), realizado no período de 22 a 27 de abril de 2013, I Encontro Internacional de Ciência da Informação: múltiplos saberes, que foi realizado, no dia 9 de maio do corrente ano, em comemoração aos 15 anos do Curso de Biblioteconomia, I Ciclo Internacional de Debates sobre o Binômio Natureza/Cultura: Uma Cultura Anfíbia na Transversalidade de Saberes – Alagoas e Rússia, que foi organizado em colaboração com o Programa de Pós-Graduação de História (PPGH), o Museu de História Natural (MHN) e o Instituto de Ciências Atmosféricas (ICAT) nos dias 12 e 13 de novembro e contou com a colaboração da Professora Dra. Maria de Lourdes Lima; 4. *Elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Biblioteconomia na Modalidade a Distância e do Projeto de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Estratégica de Recursos Informativos (GERI)* – O primeiro projeto foi elaborado a partir de uma demanda nacional que decorre, em grande medida, da aprovação da Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil, e da chamada realizada pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), aprovado em todas as instâncias deliberativas da UFAL, e tem como proposta a implantação do Curso de Biblioteconomia em cinco Polos de Ensino a Distância da Universidade, a saber, Arapiraca, Maragogi, Penedo, Piranhas e Santana do Ipanema. 5. *A implantação do periódico científico Ciência da Informação em Revista*, tratando-se de um número comemorativo que tem como finalidade aglutinar a produção científica dos discentes e docentes produzida em torno da comemoração dos 15 anos de Biblioteconomia na UFAL.

O Curso de Biblioteconomia da UFAL, no ano de 2014, conta com um total de 11

⁹ De acordo com o depoimento do Professor Me. Marcos Aurélio Gomes.

docentes efetivos, entre eles: quatro doutores; três doutorandos; e quatro mestres em Ciência da Informação. O curso já formou nove turmas, tendo lançado uma média de 172 profissionais bibliotecários no mercado de trabalho. A cada ano, o curso recebe duas turmas semestrais, com entrada de 25 alunos por semestre. O curso foi classificado com a nota 3 no último ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, recebendo três estrelas pelo Guia do Estudante. Possui quatro Grupos de Pesquisa certificados pela UFAL/CNPq. No momento, há três Projetos de Iniciação Científica – PIBIC/FAPEAL/UFAL. No que concerne à Extensão Universitária, o curso possui um total de três projetos em desenvolvimento. No ano de 2011, por solicitação do curso de Biblioteconomia, a UFAL firmou um convênio com a Universidade do Porto através da Faculdade de Letras (FLUP). Nesse convênio foi celebrado um acordo de cooperação para estabelecer intercâmbios e experiências no campo da investigação científica nas áreas de Ciência da Informação e Biblioteconomia. Para a coordenação desse intercâmbio foram designadas, por parte da UFAL, a Prof^a Dr^a Virgínia Bárbara de Aguiar Alves e, por parte da FLUP, a Prof^a Dr^a Fernanda Ribeiro.

Hoje, o curso de Biblioteconomia da UFAL está localizado no Campus A. C. Simões no endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n, Subsolo da Biblioteca Central, Tabuleiro do Martins – Maceió/AL. CEP: 57-072-970. Contato: (082) 3214-1479; *site* e *e-mail*: <www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia> e <biblioteconomiaufal@gmail.com.br>.

8 MEMÓRIA CULTURAL DO CURSO

A memória filtra os acontecimentos importantes da vida de um indivíduo e os armazena para futuras lembranças de interação entre passado e presente, configurando-se como um registro da vida, não somente da vida humana, mas da memória de uma instituição que compõe uma sociedade. Na qual algumas pessoas são os protagonistas centrais desta memória, preservada no contínuo do tempo.

Segundo Lisboa (2008, p. 37) “A memória [...] está em evolução permanente. Aberta para a dialética da lembrança e do esquecimento, a memória não tem consciência de sua sucessiva deformação [...]”. Quando Lisboa se refere ao fato de que memória está em evolução permanente, é uma prova de que a memória não é inerte, ela se (re)faz, continuamente de modo (in)consciente, ao passo que a história, utilizando-se da narrativa, se reapropria da memória para produzir suas formas de registros.

Tratando-se da história, seja na condição do processo e da operação ou construção intelectual, entende-se que a história se utiliza do acontecido resignificando-o. Assim, Lisboa (2008, p. 37) afirma que “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já passou [...]”. O que nos leva a interpretar a história como uma expressão temporal e espacial de indivíduos concretos sujeitos a uma malha de relações materiais e simbólicas.

A memória e a história se cruzam, continuamente, no que Pierre Nora denomina os ‘lugares da memória’. Esses ‘lugares da memória’ podem ser compreendidos pelas comemorações, aniversários, celebrações e instituições da memória. Logo, Lisboa (2008, p. 37) afirma que “os lugares da memória nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea”. Daí, a necessidade de se registrar os eventos em atas, livros de testamento, ofícios, testemunhos, etc., sejam eles de caráter material e/ou imaterial, para que mais tarde sirvam de evocação para o que foi vivido e merece ser lembrado.

Por conseguinte, os lugares da memória do Curso de Biblioteconomia da UFAL são identificados através do seu aniversário de criação, da apresentação de trabalhos no Congresso Acadêmico, do cerimonial de defesa dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), dos quadros de formatura expostos na parede, da Semana dos Feras/Calouros. Outro lugar da memória está reservado para a Memória Institucional do Curso de Biblioteconomia, presente na sua documentação, analógica ou virtual, produzida em razão de suas funções e atividades, conforme prescreve a arquivística.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de construção de uma memória histórica do curso de Biblioteconomia da UFAL se utilizou das fontes de informação fornecidas pela Secretaria e Coordenação do Curso. As fontes se apresentaram, sob os formatos impresso e eletrônico, a partir de uma tipologia de: atas, projetos pedagógicos, resoluções, ofícios, além de depoimentos cedidos pelos ex-coordenadores e o atual coordenador do Curso, os quais contribuíram para a criação e consolidação do Curso de Biblioteconomia.

O Curso de Biblioteconomia configurou-se com a proposta de formar profissionais bibliotecários capazes de (re)produzir conhecimentos, provendo assim o

desenvolvimento da sociedade, fortalecendo a importância do profissional da área da informação no Estado de Alagoas. Hoje, o Curso é reconhecido não somente pelo Ministério da Educação, mas também pela sociedade alagoana, além de outros interlocutores dentro e fora do Brasil.

Esta trilha acerca da memória institucional do Curso de Biblioteconomia reescreve o processo histórico do curso a partir de uma abordagem do tempo institucional e da memória. De modo que, posteriormente, possa contribuir de modo dinâmico na ativação das lembranças de novas gerações, partindo de uma (re)configuração da memória institucional do Curso de Biblioteconomia, nos quadros da Ciência da Informação e da História, como processo e narrativa.

COURSE OF LIBRARIANSHIP UFAL: A Trail on their Historical Memory

Abstract

The course of librarianship of Universidade Federal de Alagoas, created in 1998, is presented as an alternative to the training of professionals in librarianship to act in the organization and dissemination of information in the context of society and of information units in the state of Alagoas. On the occasion of 50 years of UFAL, in 2011, the ICHCA instigated the need for course of librarianship to build a history of its institutional trajectory. As soon as the course of librarianship sought, from a research project, build a trail of its institutional memory, because the memory facilitates the formation and historical construction, as well as also is an extension of the knowledge and information recorded. In summary, for the construction of this memory was held a research by means of primary and secondary sources, such as the official documents and extraoficiais (testimonies of ex-coordinators and coordinator, letters, political-pedagogical projects, ordinances, resolutions, among others). Therefore, the redemption of this institutional memory is a part of the attempt to think about the history of UFAL as the sum of the stories and/or memories of their respective academic units.

Keywords

Course of librarianship - UFAL. Institutional Memory - Course of librarianship – UFAL. Institutional History. Production of Knowledge Entries.

Artigo recebido em 12/02/2014 e aceito para publicação em 25/04/2014

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
BARRETO, Angela Maria; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Souza. **Fragments de preciosa memória**: Esmeralda Aragão e a biblioteconomia na Bahia. Salvador: EdUFBA, 2009.p. 20-35.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CALDIN, Clarice Fortkam et. al. Os 25 anos do ensino de biblioteconomia na UFSC.

Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, UFSC: Florianópolis, abril, n. 7, 1999.

CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LISBOA, Karen Macknow. Comemorações, memória, história e identidade. In: RODRIGUES, Jaime (org.). **A universidade federal de São Paulo aos 75 anos: ensaios sobre história e memória**. São Paulo: Unifesp, c2008. p. 35-91.

MENDONÇA, Thaísa Mara Silva de; RIBEIRO, Isa Paula Zacarias. **Memória e história institucional: as vivências dos promotores e o ministério público**. Potiguar, [2007].

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 23, n. 37. p. 113-129, jan/jun, 2007.

ORTEGA, Cristina Dotta. Surgimento e consolidação da documentação: subsídios para compreensão da história da ciência da informação no Brasil. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v.14, número especial, p. 59-79, 2009.

ROSEMBERG, Dulcinéia Sarmento; CORRÊA, Lúcia Helena Miranda. A criação e o reconhecimento do curso de biblioteconomia da UFES. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, UFSC: Florianópolis, set, n. 4, 1997.